

Diário de Petrópolis, 04 de Dezembro de 2022

A Ameaça do Tecnonacionalismo aos Países Menos Ricos

Por: Ronaldo Fiani

Venho alertando que estamos entrando na era do tecnonacionalismo, ou seja, na era em que os países mais desenvolvidos (como os Estados Unidos) e seus competidores diretos (como a China) tentam monopolizar tecnologias de ponta, especialmente aquelas ligadas à indústria digital. Este movimento exige que os países que não se encontram na vanguarda tecnológica adotem medidas para desenvolver sua indústria digital. Caso contrário, os países que ficarem para trás terão de enfrentar graves problemas econômicos e sociais.

Esta afirmação pode surpreender alguns, especialmente aqueles que acreditam que as forças do mercado são suficientes para corrigir qualquer problema. O funcionamento dos mercados é muito importante, mas, quando há uma competição política pela hegemonia global como a que estamos vivendo agora, a política passa à frente, e os mercados globais não possuem mais a capacidade de atuar que tinham antes.

Se houver alguma dúvida do que acabei de afirmar, basta considerar as barreiras tecnológicas criadas no governo Trump, e mantidas pelo governo Biden contra empresas chinesas, assim como o plano chinês de alcançar sua autonomia tecnológica, o famoso Made in China 2025. Se isto ainda não for suficiente, ainda há o plano do governo Biden de oferecer 52 bilhões de dólares de financiamento para que as empresas norte-americanas desenvolvam microcircuitos de ponta (ver

<https://www.cnnbrasil.com.br/business/eua-estao-investindo-us-52-bilhoes-para-impulsionar-fabricacao-de-chips-no-pais/>).

O leitor pode estar se perguntando como isto afeta os demais países, e o que é possível fazer? Vamos começar com os efeitos sobre os demais países.

A tecnologia digital afeta hoje um grande número de atividades. Mesmo a agricultura, a pecuária, a pesca e a mineração (atividades muito importantes nos países menos desenvolvidos, ou em estágio intermediário de desenvolvimento) utilizam tecnologias digitais, ainda mais se a produção é voltada para o mercado internacional, onde a produtividade é essencial para assegurar a competitividade.

Ocorre que, com o aumento das barreiras à difusão tecnológica que resulta do tecnacionalismo, a oferta de máquinas e equipamentos empregando tecnologias de ponta (que são as mais produtivas) tende a se tornar mais limitada, pois o número de produtores destas máquinas e equipamentos se torna restrito. Com isto, o tecnacionalismo cria oligopólios concentrados e até mesmo monopólios na produção destes equipamentos e máquinas, o que, obviamente, eleva os seus preços.

Esta elevação de preços compromete a margem de lucro nas atividades típicas dos países em desenvolvimento, ou em estágio intermediário de desenvolvimento. Dito de outra maneira, vai sobrar cada vez menos dólares da venda de grãos, carnes, frutos do mar, minérios etc., depois que forem descontados os custos de importação de máquinas e equipamentos.

Isto vai gerar uma série de problemas graves para os países que não estão na fronteira tecnológica. Em primeiro lugar, o aumento dos preços dos equipamentos e máquinas importados com tecnologia de ponta vai reduzir os saldos comerciais (diferença entre exportações e importações), elevando o risco

de déficits e crises cambiais (falta de dólares para pagar as importações), o que pode dificultar o funcionamento de vários setores da economia.

Por outro lado, a queda da lucratividade na agricultura, pesca, pecuária e mineração também vai reduzir os investimentos e o emprego nestes setores, uma diminuição que vai ser ainda mais grave se os prognósticos de desaceleração do crescimento chinês se confirmarem.

Estes efeitos das barreiras tecnológicas do tecnacionalismo ameaçam trazer problemas sociais graves, especialmente aos países que não fizeram parte do restrito clube tecnológico que está sendo criado. O que fazer? Trata-se de uma questão muito difícil para ser respondida no espaço de que disponho.

Mas pode-se oferecer ao menos uma direção: os países que estão fora do clube tecnológico devem desenvolver sua indústria digital e os serviços associados aos equipamentos, máquinas e software relacionados às atividades em que competem internacionalmente, especialmente nos setores agrícola, pecuário, de pesca e de mineração, de modo a garantir sua competitividade internacional, assegurar o afluxo de dólares e minimizar os custos dos itens de ponta produzidos nos países de vanguarda tecnológica, que serão cada vez mais caros.

Link para a matéria original:
<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-224823>